

A GEOGRAFIA E O MÉTODO DIALÉTICO

GEOGRAPHY AND THE DIALECTIC METHOD

ELSBETH LEIA SPODE BECKER*

RESUMO

A iniciação científica representa um desafio para a maioria dos acadêmicos dos cursos de licenciatura. Nesses cursos, a pesquisa era pouco exigida, prevalecendo os relatórios de estágio e/ou trabalhos direcionados para a produção didática. Diante da inserção, na grade curricular obrigatória, de disciplinas que remetem ao desenvolvimento de projetos coletivos de pesquisa e extensão, bem como da exigência de um trabalho final de graduação, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado, a iniciação científica despertou maior interesse acadêmico. Nos cursos de licenciatura em Geografia, essa realidade é similar: o processo educativo, além da excelência no ensino, passou a ser orientado também por referenciais de pesquisa e extensão. Assim, em meio às diferentes escolas geográficas, o acadêmico deparou-se com os métodos e as técnicas de pesquisa e, muitas vezes, o entendimento tornou-se complexo para aqueles que estão em fase de iniciação. O método dialético e, conseqüentemente, o confronto entre os diferentes aspectos do problema, visto em sua totalidade, passou a ter um destacado papel na investigação científica em Geografia, nem sempre bem compreendido entre aqueles que se iniciam nesse método de pesquisa. Neste texto, procura-se resgatar alguns elementos e informações que possam contribuir com o entendimento e aplicação do método dialético no pensamento geográfico. Referir-se ao método dialético, principalmente na Geografia, é sempre uma questão árdua, mas indispensável ao avanço do ensino, da pesquisa e da extensão. Portanto, é um texto fundamentado na revisão bibliográfica e dirigido, especialmente, aos acadêmicos não-iniciados em pesquisa, mas comprometidos com a construção do saber, a geração de idéias e as novas possibilidades no ensino.

Palavras-chave: Iniciação científica; Licenciatura; Renovação.

ABSTRACT

Introduction to science represents an endeavor for most college students in teaching courses. In these courses, research was little demanded, and internship reports and works directed to didactic production prevailed. With the insertion of subjects that approach collective research projects in the course's curriculum, and with the demand of a monograph as a partial requirement for graduation, introduction to science raised greater academic interest. In Geography courses, this reality is similar: the education process became also oriented by referents in research and extension besides the high quality in teaching. Thus, among the different geographic schools, the college student faces the research methods and techniques and, frequently, understanding became complex for those being introduced to it. The dialectic method and, consequently, the confrontation among the different aspects of the problem seen in its whole started having a highlighted role in the scientific investigation in Geography, not always well understood among those being introduced in this research method. In this text, we seek to approach some elements and information that may help, without further deepening, the understanding and application of the dialectic method in the geographic thinking. Referring to the dialectic method, especially in Geography, is always a hard but essential question for the development of teaching, research and extension. Therefore, this is a text based in some bibliography and addressed to college students not introduced to research yet, but committed to the construction of knowledge, idea generation and new possibilities in teaching.

Keywords: *introduction to science, teaching degree, renewal.*

* Geógrafa, Professora do Curso de Geografia do Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

*Fazer da queda um passo de dança;
do medo, uma escada; do sonho, uma
ponte; da procura um encontro.*

Fernando Sabino

Fazer Geografia, conforme a perspectiva do método dialético, assenta-se no confronto de idéias, o que equivale a reconhecer que o pensamento elaborado, uma vez estabelecido, vai ser confrontado com um novo pensamento, criando assim uma tensão entre os dois modos de pensamento. A tensão entre afirmação e negação leva, necessariamente, a uma nova posição, superior às duas, mas que contém suas idéias confrontadas, chegando-se à negação da negação. A esses três estágios Hegel denominou de tese, antítese e síntese.

Esse procedimento conferiu à dialética uma posição de destaque no movimento de renovação da Geografia e introduziu, necessariamente, a noção de movimento. No entanto, em nome da dialética, com a aparência de uma lógica correta, muito se acertou e muito se errou em relação à ciência. Em nome da verdade, produziu-se conhecimento, vulgarizaram-se expressões e muitas pessoas passaram tangenciando a ciência sem deixar rastros de contribuição. A falsa contraposição entre qualidade e quantidade revelou-se numa leitura empirista da realidade e a realidade empírica.

Para discutir a concretude da dialética como método do conhecimento, é necessário resgatar a dialética como processo lógico da indagação científica. Mas o que é dialética? Como devemos compreender os diferentes desdobramentos da dialética? A idéia de movimento é suficiente para compreendermos a realidade?

Ao responder a essas indagações, neste texto procura-se demonstrar em que medida a

dialética é útil na construção do conhecimento geográfico, na geração de idéias e nas novas possibilidades no ensino.

DIALÉTICA

Na antigüidade, para os filósofos gregos, o conceito de dialética assumiu significados diversos, porém todos acentuavam a importância da arte do diálogo. Para Platão, a dialética era tomada como uma capacidade específica do humano, a atividade da mente enquanto razão. Platão concentrava seu discurso sobre “as formas eternas ou as ‘idéias’ e não prestava muita atenção aos fenômenos naturais” e, com isso, afastava-se do “mundo dos sentidos para ir além de tudo o que nos envolve” (GAARDER, 1995, p. 124).

Para Aristóteles, a dialética é “a dedução feita a partir de premissas apenas prováveis, porém fundadas em premissas consideradas verdadeiras e, concluindo necessariamente, pela ‘força da força’” (JAPIASSU; MARCONDES, 1990, p. 72).

Sócrates usava a dialética e a arte do diálogo para “pôr à mostra as incoerências eventualmente contidas em qualquer opinião e, assim, reajustá-la convenientemente” (PRADO Jr., 1968, p. 41). Nesse contexto, de acordo com Prado Jr. (1968, p. 41), a lógica perpetuou-se como “instrumento racional da verdade ocupada com a estrutura formal da linguagem e com o método próprio” (a dialética) “de a manejar e dispor convenientemente no discurso, para o fim da revelação da verdade”.

Na Idade Média, nos séculos XI e XII, o problema da dialética reaparece e seu grande expoente é Abelardo que, ao defini-la como método da dúvida e da crítica, fundadas no

exercício da razão, preparava as bases teóricas que serviriam de sustentação para a filosofia moderna que estava por vir.

Na modernidade, com René Descartes, a razão toma consciência de sua função enquanto instrumento teórico. Ao conceito de dialética, porém, o racionalismo cartesiano não reserva mais do que a qualidade de uma lógica falsa, inadequada ao correto uso da razão.

No pensamento de Kant, a dialética assume o mesmo sentido pejorativo que a caracterizou durante o século XVIII, quando é usada como uma simples regra para a apreciação das verdades formais dos juízos ou como fonte dos conhecimentos materiais. Para Kant, a dialética é a lógica da aparência.

Entre os pensadores do chamado romantismo moderno, Schleiermacher recupera a dialética na concepção de Platão, retomando-a em sua condição de método para o conhecimento.

Com Georg Friedrich Hegel (1770-1831), pensador mais profícuo dentro da metafísica, o conceito de dialética foi resgatado e retomou o movimento natural do pensamento na pesquisa e na discussão, fazendo-a presente em todas as dimensões de objeto. Para Hegel, a verdade é o todo e o erro está na unilateralidade, na incompletude e na abstração. Gaarder (1995), ao fazer uma abordagem da proposta de Hegel, comenta que, para ele, o “espírito do mundo” ou a “razão do mundo” progredia através da história e apenas o homem tem um “espírito”. Para Hegel, a verdade é fundamentalmente subjetiva e ele não acreditava que pudesse existir uma verdade além ou fora da razão humana, pois diz que “todo conhecimento é conhecimento humano”. O motor desse processo é a dialética.

A dialética é também um problema central dentro da teoria marxista. Karl Marx, com base

na leitura da dialética de Hegel, faz sua crítica e mostra os limites do idealismo nas interpretações do mundo. No pensamento de Marx, a dialética compreende a noção de movimento na História e é um método rigoroso de investigação científica. Entretanto, para desempenhar sua eficácia, deve respeitar seus próprios limites. A matéria é anterior ao pensamento, “o ideal não é senão o material transformado e transportado para a mente”. Exemplo disso é a concepção marxista de história que, por meio do materialismo histórico, permitiu a mais elaborada leitura do capitalismo como modo de produção histórica com todas as suas determinações. O materialismo histórico parte da premissa de que o modo de produção da vida material condiciona o conjunto dos processos da vida social, política e cultural. Assim, por meio do materialismo histórico, ocorreram mudanças significativas na interpretação da realidade, a partir da força das idéias e da elaboração de conceitos (renda absoluta, mercadoria, ser social, meios de produção) e de teorias (mais-valia).

Para atenuar o suposto determinismo materialista da concepção histórica, Karl Marx e Friedrich Engels conceberam o método materialista dialético, que contém os princípios da interação universal, do movimento universal, da unidade dos contrários, do desenvolvimento em espiral e da transformação da quantidade em qualidade. Tem como princípio a idéia de que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas, mas de processos em que as coisas e os reflexos delas estão em constante movimento.

Harvey (1984, p. 248) tece considerações sobre o método dialético e afirma que

Marx constituiu um método que, pela fusão da teoria abstrata e da prática concreta, permitiu a criação de uma prática teó-

rica através da qual o homem podia antes moldar a história do que ser moldado por ela. Marx viu o que ninguém tinha visto antes: que os inumeráveis dualismos que cercam o pensamento ocidental (entre o homem e a natureza, entre fato e valor, entre sujeito e objeto, entre liberdade e necessidade, entre a mente e o corpo e entre o pensamento e a ação) podiam ser resolvidos somente através do estudo da prática humana; e, quando necessário, através de sua criação.

Portanto, o método necessita de um campo teórico, mas só pode ser bem compreendido na prática.

O MÉTODO DIALÉTICO E O EMPIRISMO NA GEOGRAFIA

O método, enquanto uma esfera, uma determinação filosófica, é uma visão de mundo. Ele é a própria liberdade, ou seja, a escolha na forma de receber e revelar-se no mundo. Entretanto, há uma outra determinação no método, uma esfera científica/acadêmica, que define o método a partir de determinadas categorias de análise, as quais vão produzir um sistema de conceitos, organizados segundo uma determinada lógica (objetivação do conhecimento e busca da verdade). É essa determinação do método que não se pode perder de vista para não correr o risco de encaminhar apenas uma leitura empirista da realidade.

O método dialético tem origem na complexidade das relações entre o que se produz e os resultados do pensamento humano. A dialética, como ciência das leis gerais do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano, possui leis gerais que, assim, podem ser resumidas: a relação una e total, a transformação da quantidade em quali-

dade e vice-versa; a unicidade e interpenetração dos contrários; a negação da negação.

Referir-se ao método, principalmente, na Geografia é sempre uma questão árdua, mas indispensável ao seu avanço. Há confusões quanto ao método dialético e muitas pessoas passaram tangenciando a ciência, comprometendo-a por meio da vulgarização de expressões, da descrição de relatos e da utilização da automação tecnológica na análise de dados. Sobre essas questões, não raras vezes encontradas na Geografia, Quaini (1979, p. 243), ao citar Lacoste (1973), fez um alerta:

A maior parte dos geógrafos teoriza o menos possível e se satisfaz afirmando sem nenhum pudor, que 'a geografia é uma ciência sintética' (...). Por outro lado, muitos geógrafos não escondem seu desprezo pelas 'considerações abstratas' e fazem disto um mérito e declaram sua predileção pelo concreto.

O alerta serve para uma reflexão crítica e apropriada para pensar nas "produções científicas" que, anualmente, são lançadas ao papel e/ou ao meio digital, nas escolas e nas academias. Frigotto (1989, p. 83) enuncia alguns pontos que merecem atenção na pesquisa:

- há uma tendência de tomar o "método", ainda que dialético, como um conjunto de estratégias, técnicas, instrumentos;
- a teoria, as categorias de análise, o referencial teórico, por outro lado, aparecem como uma camisa-de-força;
- a falsa contraposição entre qualidade e quantidade "é resultado de" uma leitura empirista da realidade e a realidade empírica;
- é preciso pensar na dimensão do sentido "necessário" e "prático das investigações que se fazem nas faculdades, centros de mestrado e doutorado" (sentido histórico, social, político

e técnico) e se ter o cuidado necessário com metodologias que entram em cena, que se disseminam e são utilizadas indistintamente, como aconteceu com a pesquisa-ação.

A incorreta utilização do método dialético, sobretudo sob a forma de pesquisa-ação ou pesquisa participante, levou a alguns excessos. Em nome da verdade, muitas vezes, apenas tangenciou-se a ciência sem a produção de efetivas contribuições.

PARA TRANSFORMAR ALÉM DE ESCREVER

Pesquisar, no âmbito da atividade científica, refere-se ao processo inquiridor de fenômenos com o propósito de compreendê-los e explicá-los. Como compreender e explicar um fenômeno? A compreensão e explicação de um fenômeno trazem para o contexto a necessidade do processo de pesquisa. Como iniciar um processo de pesquisa? Campo (1969, p. 284) escreve que o processo de pesquisa segue diversas fases: a) formulação do problema; b) determinação dos campos de pesquisa; c) obtenção de amostra; d) construção do instrumento para a coleta de dados; e) coleta de dados; f) manipulação dos dados (codificação, tabulação, etc); g) análise e interpretação dos dados; h) apresentação dos resultados e conclusões.

Essas fases, por sua vez, trazem algumas indagações que constituem outros tantos momentos no processo de pesquisa que devem ser considerados.

O problema de pesquisa deve ser identificado a partir de uma situação ou dificuldade observada e deve se constituir na questão maior sobre a qual devem ser concentradas todas as atenções. Nesse momento, cabem algumas indagações: qual o problema (questão) que se

pretende estudar e/ou resolver com a pesquisa? O que já é conhecido sobre o problema? O que está relatado na literatura? A revisão de literatura foi a mais completa possível? Por que o problema é importante? Quais os prejuízos sociais, ambientais e/ou econômicos desencadeados? Que benefícios resultarão do estudo ou eventual solução do problema (para a ciência? para a educação? para a sociedade?) Quais as questões já respondidas por outros pesquisadores? Quais as questões que o projeto pretende responder? Não existe conhecimento científico e/ou empírico suficiente sobre o assunto, de fácil transposição a partir de outros países ou regiões em que o mesmo problema já foi resolvido? Portanto, emergem dessas indagações a necessidade de refletir sobre o assunto e de fazer a revisão de literatura, de forma bastante completa.

A determinação dos campos de pesquisa envolve as hipóteses. Uma hipótese científica é uma proposição do pesquisador sobre as possíveis causas ou variáveis determinantes do problema. Assim, o confronto de uma realidade (o problema) com uma teoria de pleno conhecimento do pesquisador é essencial à formulação de uma hipótese. Um problema pode comportar muitas hipóteses, porém é recomendável, no máximo, três hipóteses que devem manter coerência com os objetivos claros e bem definidos. Essa é uma fase de reflexão considerada indispensável e deve ser exercitada de forma radical, crítica e totalizante. O objetivo básico (principal) de uma pesquisa deve encontrar respostas para questões relevantes até então não respondidas e contribuir, significativamente, para a solução do problema e, principalmente, manter coerência com o problema que deu origem à pesquisa. Os objetivos subseqüentes (específicos) devem

estar intimamente coadunados com o objetivo básico e servir de resposta para a solução do problema enunciado.

A metodologia “é a receita do bolo” e todos os “ingredientes” devem ser muito bem dosados para que o resultado final seja o melhor possível. O dialético deve ter muito cuidado na determinação do método e não poderá perder de vista a reflexão radical, crítica e totalizante para evitar o risco de encaminhar apenas uma leitura empirista da realidade. Como evitar a mera descrição e encaminhar a dialética? A idéia de movimento é suficiente para compreendermos a realidade?

Em primeiro lugar, o dialético deve considerar que qualquer reflexão exige uma atitude filosófica do que está escrito e do que será escrito. Essa atitude deverá ser radical, crítica e totalizante. Para Japiassu e Marcondes (1990, p. 209), radical é um termo proveniente do latim que “diz respeito à raiz das coisas, à sua natureza mais profunda, sem admitir restrição ou limite”.

Com o mesmo entendimento, Oliveira (1990, p. 20) escreve: “o conhecimento que não é radical, isto é, que não vai à raiz, à origem, é um conhecimento ingênuo ou, ainda, é a manifestação de uma consciência ingênuo”.

O conhecimento dessa natureza, para Oliveira (1990, p. 21),

é superficial, em que a polêmica não inclui esclarecimento nem possibilidades de negação. É um conhecimento polêmico por postura de exclusões, e não por autenticidade dialética... A postura radical busca esclarecer, clarificar e não exclui, nessa procura, a atenção para a indagação dos contrários. Ser radical é proceder como a raiz de uma árvore que penetra no solo com uma haste principal e robusta para se fixar à terra, mas não abandona as suas ramificações, pois estas são parte e complemento daquela.

Além disso, outra questão se impõe: como confiar nas impressões produzidas pela polêmica? Qual o risco de essas (falsas) impressões comporem o discurso científico?

A pesquisa geográfica, pelo método dialético, além de radical deve ser realizada de modo crítico. Para Japiassu e Marcondes (1990), a palavra vem do grego *kritiké*, que significa “arte de julgar”. Mais amplamente, crítica significa “atitude de espírito” que não admite nenhuma afirmação sem reconhecer sua legitimidade racional. Difere do espírito crítico, ou seja, dessa atitude de espírito negativa que procura denegrir as opiniões ou as ações de outras pessoas. A palavra crítica é associada sempre a juízo, exame, discernimento, critério e, principalmente, à idéia de “cuidado com a abordagem”. Oliveira (1990, p. 18) escreve:

Esta idéia de analisar atenta e minuciosamente o objeto nos dá idéia de crítica como uma característica de reflexão, mas, antes de mais nada, como uma postura do pesquisador. Criticar, então, é ter cuidado de saber estabelecer critérios. Ter critérios é possuir uma norma para decidir o que é verdadeiro ou falso, o que se deve fazer ou não fazer.

Exercer o pensamento crítico é ir além do senso comum, é buscar informações, comparar dados, contextualizar idéias, colocando tudo o que se apresenta para se estabelecerem critérios para análise, em uma situação de tensão interna ou de crise. A tensão entre os componentes poderá ajudar no discernimento a partir de uma atitude crítica, porque vai além do senso comum. É isso que diferencia aquele que reflete, que estuda, daquele que não se preocupa em exercer a dialética do conhecimento. Este apenas exerce o senso comum.

O método dialético aponta para uma última característica: a de totalidade. Oliveira (1990, p. 22) considera que a pesquisa geográfica deve ser feita mediante uma reflexão “radical (buscar a origem do problema), crítica (colocar o objeto do conhecimento em um ponto de crise), e total (inserir o objeto no contexto do qual é parte integrante).

Além da clareza epistemológica do método dialético, é necessário ter alguns cuidados em relação à: obtenção de amostra; construção do instrumento para a coleta de dados; coleta de dados; manipulação dos dados (codificação, tabulação, etc). Na pesquisa geográfica, a coleta de dados é a matéria-prima que o pesquisador vai trabalhar, portanto, essa fase constitui outros tantos momentos de reflexão e devem ser analisados: a) a validade da amostra; b) a confiabilidade dos indicadores do instrumento de coleta de dados; c) o ajuste entre a tendência dos dados dos indicadores e a solução do problema enunciado; d) o controle e cuidado com as proposições alternativas; e) a representatividade da amostra e a magnitude da população; f) a medida em que a proposição do instrumento de pesquisa é parte integrante da teoria estabelecida; g) o conhecimento e domínio sobre a manipulação dos dados; h) a escolha de *softwares* apropriados e adequados à manipulação dos dados.

A análise e interpretação dos dados deverão ser absolutamente verdadeiras em relação ao campo teórico e ao campo da realidade. É nesse momento da pesquisa que o método dialético se destaca sobre os demais métodos, pois considera a dinâmica das coisas em constante transformação e inter-relação do todo. A análise radical, crítica, totalizante necessita da crise na reflexão do pesquisador para alinhar a teoria e a realidade e, assim, evoluir para um

novo conhecimento e para a transformação da realidade, isto é, solução para o problema.

A apresentação dos resultados e conclusões deve ser sensível e humilde, mas, acima de tudo, deve ser verdadeira, científica. Ao final, a análise dialética, na maioria das vezes, apresenta como conclusão que o problema inicial é decorrente da conjunção de vários problemas e não, como aparentemente, de um problema singular. A grande contribuição do método dialético é a busca pelo conhecimento que multiplica o olhar receptivo do pesquisador, o que contribui para o desenvolvimento de uma prática articulada entre o pensar e o fazer. Essa reflexão, resultante das tensões, dos conflitos e das incertezas entre o pensar/fazer, deve ser absorvida na produção científica (DAVID, 2002, p. 23).

Na pesquisa geográfica, por meio do método dialético, a inquietação e a crise instigam o pesquisador a procurar a teoria que o acompanhará no saber/fazer. O saber/fazer estará relacionado com a incerteza, com momentos de ruptura, em que significativas transformações superam o estabelecido, indicando direções, tornando-se um canal de reflexão e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transformar além de ensinar. No ambiente universitário, não há mais lugar para espectadores. Compete a cada um desempenhar seu papel e empenhar-se a atuar na realidade do cotidiano, relacionando-o ao estudo que realiza e com a totalidade. Essa busca incessante pelo conhecimento traz a inquietação e a reflexão. Faz com que a prática do licenciado em Geografia seja transformadora. Ou seja, uma prática articulada no confronto de idéias entre o pensar e o fazer. Fazer Geografia, nessa perspectiva, é

realizar um ensino transformador que deve receber as implicações da pesquisa e vice-versa. Nesse sentido, o método dialético se destaca sobre os demais métodos, pois considera a dinâmica das coisas em constante transformação e inter-relação do todo. A análise é radical, crítica e totalizante. O licenciado em Geografia, para atuar no ensino, necessita alinhar a teoria e a realidade e, assim, evoluir para um novo conhecimento e para a transformação da realidade. O comprometimento com a construção do saber, a geração de idéias e com as novas possibilidades no ensino passa, necessariamente, pela pesquisa e pela dialética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPO, S. del. **La sociología científica moderna**. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1969.
- DAVID, C. de. Trabalho de Campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica. **Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, n. 11, p. 19-24. 2002.
- FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez. 1989.
- GAARDER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HARVEY, D. **Justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- OLIVEIRA, A. S. et al. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Loyola, 1990.
- PRADO JUNIOR, C. **Notas introdutórias à lógica dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- QUAINI, M. **Marxismo e geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.